

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo: entrevista com Viviane Longo

Entrevista por Gabriele Maria Oliveira, Marina de Almeida Spinola e Matheus de Paula Silva

Transcrição por Gabriele Maria Oliveira, Marina de Almeida Spinola e Matheus de Paula Silva

Revisão por Gabriel Yukio Shinoda Oliveira, Leticia Oliver Fernandes e Matheus de Paula Silva

DOI: [10.11606/issn.2318-8855.v9i2p182-204](https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v9i2p182-204)

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

Como muitos que escolhem cursar História, Viviane Longo foi influenciada a seguir para as Humanidades graças a professores cativantes e provocativos, que incentivavam o pensamento crítico na sala de aula e serviam como exemplo do que ela gostaria de ser em sua vida profissional. Assim, para aprimorar cada vez mais a sua capacidade de pensar e questionar o mundo à sua volta – algo que ela já fazia em suas aulas do ensino médio –, Viviane ingressou no curso de História da USP em 2009.

Contudo, nossas leitoras e leitores irão notar que, bem como muitas trajetórias de vida, o caminho de Viviane não foi tão linear como ela previa. A museóloga passou pelas hostilidades impostas pelo mundo acadêmico, pela descoberta de afinidades e paixões nos arquivos, pelas curiosidades suscitadas pela pesquisa e pelos problemas do universo trabalhista brasileiro. Para aqueles que, assim como ela, desejam contribuir para o mundo com o seu trabalho, Viviane sugere humildade e comprometimento.

Boa leitura a todas e todos!

Revista Epígrafe: Como você se aproximou das humanidades, como você optou por cursar História?

Viviane Longo: Bom, no Ensino Médio, eu tive alguns professores da área de Humanidades que me influenciaram bastante. Eu acho que eles não só tinham um jeito cativante de dar aula, mas também provocavam questões que eu achava importantes. Tinha alguma ressonância, no fundo, naquilo que eu sempre acreditei em relação à sociedade: a gente pensar criticamente sobre mundo, a gente enxergar as coisas e os comportamentos humanos não como coisas dadas, mas como resultado de construções, mesmo, de aspectos culturais. Eu sempre achei muito instigante o que eles falavam em aula. Principalmente pelo sentido provocativo. Daí saía da aula: “Nossa, não

tinha pensado nisso. Tem razão, a gente tem que prestar atenção.”. Então, eu sempre gostei muito dessa coisa de estímulo ao pensamento crítico. É claro que, na época, eu não pensava como eu estou falando agora, não tinha essa clareza. Mas eu acho que tudo começou aí, começou por causa desses professores. Eu também sempre gostei muito de ler e escrever, então achava que não tinha muito como não ir para área de Humanidades; até a minha primeira opção era Jornalismo, na verdade. Eu teria prestado Jornalismo se não fizesse História. Então, eu acho que tem muito a ver com isso, com essa influência primeira de professores mesmo.

Revista Epígrafe: Foi difícil passar no vestibular? Você teve um auxílio dos pais por ter escolhido esse curso?

Viviane Longo: Bom, na verdade, assim, eu tive um apoio moral da minha mãe. Ela nunca se opôs à escolha que eu fiz. Eu tenho uma irmã mais velha que fez Ciências Sociais, e a gente entrou no mesmo ano na faculdade. Imagina, uma foi fazer História, outra foi fazer Ciências Sociais. Então, minha mãe não tinha essa ilusão de que a gente iria ficar rica, de que a gente iria fazer uma carreira brilhante, nada disso. A área não é vista assim pela maioria das pessoas, ela tinha essa consciência, mas ela apoiava moralmente. Meu pai era diferente, ele não apoiava não, ele achava que a gente tinha que escolher outra coisa, fazer Engenharia, esse tipo de área, que também, no senso comum, são áreas em que é mais fácil você arrumar emprego, mais fácil se estabilizar financeiramente. Eu entendo a preocupação dele, é uma questão de subsistência, não tanto por achar desimportantes as Humanidades, mas mais por ter preocupação de subsistência. Mas nunca foi uma oposição feroz: “você não vai fazer e ponto”. Teve um apoio depois que a gente entrou, que a gente passou nos vestibulares, aí foi aquele momento: “já que passou mesmo, então agora conclua, faça bem

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo feito.". Então, no fim das contas, essa coisa foi diminuindo, esse mal-estar com meu pai foi diminuindo, ele foi aceitando o fato, e aí eu e a minha irmã tivemos carreiras um pouco diferentes. No final das contas, a coisa foi se assentando e hoje ninguém questiona mais.

Revista Epígrafe: E sua graduação foi como você esperava?

Viviane Longo: Em partes. Eu diria que sim porque, como eu disse, na época, eu tive influência dos professores. Eu tinha uma frase que eu falava para mim mesma, assim: eu queria aprender a pensar. Foi um pouco por isso que eu acabei indo para História. Eu pensava que esse curso iria me ensinar a pensar com maior autonomia sobre as coisas. Isso sempre me motivou, sempre achei importante esse tipo de coisa: não acreditar em tudo que as pessoas te dizem, em tudo que você lê. Eu sempre achei que fosse importante esse tipo de autonomia, mesmo. Eu acho que isso o curso me deu: essa possibilidade de pensar criticamente sobre o mundo, não sei se totalmente autônomo, mas pelo menos me ensinou a me virar.

Eu acho que isso é uma coisa muito boa, porque a gente acaba entrando na graduação, não sei vocês, mas no meu primeiro ano, eu não entendia nada, absolutamente nada do que eu lia, eu não sei como eu tirava nota, porque era tudo difícil. E eu tinha essa consciência que as coisas eram difíceis, os textos eram imensos e complexos. E embora eu gostasse de ler e escrever, como eu contei para vocês, eu não tinha essa bagagem desse tipo de leitura; na minha casa ninguém é intelectual, ninguém é dessa área, então foi um pouco difícil no começo. E eu achava que eu nunca iria entender... Cara, era muito difícil! No segundo ano, eu pensei em mudar, eu pensei em largar o curso e fazer outra coisa. Eu pensava que não tinha nada a ver e, no fim das contas, eu só fui começar a entender mesmo tudo a partir do terceiro ano. Eu

comecei a entender um texto de história, de historiografia, a diferença de um autor e outro, não sei o quê, linhas de pensamento, lá para o terceiro ano. Então, nesse sentido, apesar das dificuldades intelectuais, talvez até cognitivas, não sei, eu diria que o curso me ajudou muito, sim; acho que ele foi muito bom, dentro do meu esperado nesse sentido.

Mas, por outro lado, no começo, eu queria ser professora, uma das minhas motivações por causa dos professores da época da escola. Eu queria ser como eles, eu achava legal, achava bacana a forma como eles me impactaram e eu achava que seria capaz de fazer isso com outras pessoas e que isso era importante, que o Brasil precisava de pessoas mais conscientes, mais críticas - ainda acho isso. Então, eu achava que, sendo professora, eu iria conseguir ajudar nisso, eu acho que teria um pouco esse papel. Aí, durante a graduação, eu fui vendo e fazendo amizade com os colegas, muitos deles já se tornaram professores logo de cara, logo no começo, mesmo antes de se formar. Eu via que era uma coisa complicada e eu fui me desanimando, sabe? Falei: "Cara, é muito duro.". Eu sempre fui uma pessoa mais quieta, sabe? Eu falei: "Meu, como eu vou dar aula para 60 meninos, eles vão me destruir na sala...". Eu não me sentia forte o bastante para ser professora, eu não achava que eu tinha essa autoridade. Então, acabei deixando isso de lado. Mas isso está até hoje no meu escaninho pessoal, como um projeto, quem sabe um dia... Porque eu realmente acho mega importante, não só para a sociedade, mas também pessoalmente; eu acho que para quem se torna professor, essa é uma experiência muito transformadora. Então, quem sabe um dia...

Com licenciatura, aí eu comecei, porque eu entrei em 2009 na graduação, e a licenciatura, eu já abri no final de 2010, acho que foi isso, ou 2011. Porque daí eu quis fazer os dois juntos, porque todo mundo falava: "Vai ser muito chato se você fizer só uma separada da outra, não faça isso, você vai querer se matar depois, não é legal,

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo tenta fazer junto.". Eu falei: "Então tá, vamos fazer junto.". Até porque os meus amigos também faziam e a gente combinava de fazer disciplina junto quando dava, quando o Júpiter¹ deixava. Então, abri a licenciatura, aí foi a gota d'água para eu escolher não ir para a área da docência. Mas não é só isso, na verdade.

Uma outra coisa que me afastou da área de Educação, de docência, de Pedagogia, assim, foi o fato de eu ter feito um estágio no Arquivo do IEB, que é o Instituto de Estudos Brasileiros, em 2010. Então, um ano depois que eu entrei na graduação, já apareceu a oportunidade de trabalhar lá, como estagiária. Eu também não tinha a menor ideia do que era um arquivo, do que era nada. Totalmente perdida, mas fui: "Ah, parece legal.". Foi aí que despertou o bichinho do patrimônio em mim, foi aí que eu comecei a pensar, a refletir, a entender que esse era um outro mundo. Era um outro mundo que ninguém me falou que ele existia dentro do curso de graduação em História, que isso era possível, e que a gente tem, sim, a possibilidade de atuar.

Eu diria que a graduação em História não me preparou exatamente para uma profissão. Eu não saí de lá me sentindo uma historiadora. Talvez porque eu não escolhi mesmo continuar como historiadora, porque, no fim, eu fui fazer Museologia. Eu sei como é muito difícil o mercado de trabalho para o historiador, porque geralmente é isso; a pessoa entra e ela tem duas opções, a princípio: ou ela vai se tornar professora ou ela vai fazer carreira acadêmica, que uma hora acaba também, porque depois do mestrado tem o doutorado e depois, no máximo, um pós-doutorado, mas aí vai acabar; isso também não garante que você vai estar empregado, que você vai ter uma renda, que você vai poder pagar suas contas. Eu também tive sempre esse senso pragmático de querer pagar minhas contas, eu também achava importante arrumar um trabalho. Eu acho que o nosso curso é muito teórico e ele é brilhante nesse senti-

¹ Sistema utilizado pela USP para o gerenciamento de atividades ligadas à graduação, no qual é possível realizar matrícula em disciplinas, verificar o desempenho acadêmico, emitir documentos, entre outros serviços.

do, ele ensina a gente a fazer uma pesquisa, o que é o pensamento científico. Isso tudo existe e é mega importante, mas na realidade brasileira, nem todos vão se tornar cientistas, nem todos têm bolsa para ter o estímulo necessário para se tornar cientistas, para se tornar historiadores de ofício. Então, o curso no geral não tem uma preocupação de formar profissionais, no sentido de mostrar as possibilidades em que o historiador pode atuar para além da área acadêmica, apenas. Eu acho que as coisas foram aparecendo, não foi uma coisa curricular. O curso, em poucas palavras, foi muito mais do que eu esperava, me ensinou esse pensamento crítico que eu tanto queria e sem querer acabou me mostrando outros caminhos possíveis de atuação para além da sala de aula.

Revista Epígrafe: Ainda pensando na graduação, você teria aspectos negativos das aulas?

Viviane Longo: Não sei hoje em dia, mas na minha época, eu diria que em 80% das aulas, a gente não tinha abertura para falar, no sentido de que a gente não tinha o estímulo para falar. Claro que tinha o professor que falava assim: “Podem me interromper, façam perguntas.”. Tinha isso. Mas eu acho que talvez também por estarmos naquelas salas sempre cheias, lotadas, aquela coisa assim, as pessoas não falavam muito, ou quando falavam, eram sempre as mesmas. Acabava não tendo um real debate... Talvez seja uma coisa, um buraco mais embaixo, talvez a gente tenha uma forma de estudar um pouco... A gente não tem muita abertura para o debate, e eu acho que isso está muito relacionado à nossa forma de estudar. A gente sempre nesse formato de “Tem aqui uma bibliografia, leiam os textos e venham para a aula.”; a grande maioria foi assim. E acho que não é ruim, funciona em partes, mas talvez a gente não tenha recebido sempre os gatilhos necessários para começar a formular

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

nosso pensamento a respeito do assunto, a gente foi treinado para reproduzir o que alguém fala sobre o assunto, mas não muito o que a gente pode pensar sobre, a partir dessas referências. Então, assim, se você leu o [Jacques] Le Goff e não entendeu, sinto muito, você não vai ter a oportunidade de debater o Le Goff em aula. E você não vai ter nem tempo, porque você tem que ler o capítulo sei lá qual para daqui uma semana. O máximo que você vai fazer com aquilo é um trabalho no final do semestre, mas depois, se vira, você lê quando você puder, você entende o quanto você puder, porque, no final, tem milhões de disciplinas que você tem que ler milhões de páginas. Aí muitas coisas vão ficando pelo caminho, a gente lê meio que na pressa só para poder participar minimamente da aula, entender, se situar, mas não dá muito para aprofundar. Talvez não dê mesmo, porque, como uma amiga dizia: “A graduação é um grande catálogo.”. A graduação é para você ver o que tem, para você ver que tem uma gama de coisas, de áreas, que você pode mergulhar em uma iniciação científica, em um mestrado, em um doutorado. Talvez seja essa proposta mesmo, ser essa coisa ostensiva de conteúdos, de áreas, de autores. Aí, com o passar do tempo, você vai acabar descobrindo o que te interessa mais, o que te motiva. Mas eu senti falta dos debates, era um pouco hostil, até, o ambiente. Se você fala uma coisa que não faz tanto sentido, ou que não é o esperado, sei lá, não existe espaço para o erro, para o “eu não sei” e isso me incomodava bastante. Então, eu acho que essa é uma crítica importante a fazer.

Revista Epígrafe: Além do estágio no IEB, você fez algum outro?

Viviane Longo: Sim, eu fiz uns trabalhos meio paralelos. Eu fiz esse estágio que durou dois anos lá no IEB e foi muito legal. Ele foi uma das coisas mais importantes que tem a ver com a minha formação hoje. Mas, objetivamente, para responder a pergunta, eu

trabalhei, durante a graduação, como secretária de dois de professores da USP, eu trabalhava na casa deles, e foi bom porque entrou um dinheirinho aí, a gente está sempre agradecendo. Antes, eu trabalhei pouco tempo como pesquisadora assistente. Não tinha esse nome, tá? Foi como eu chamei, não tinha nenhum contrato. Eu ajudava um pesquisador a encontrar uns documentos no arquivo e fazia transcrição dos documentos manuscritos, assim. Foi uma coisa também que entrou um dinheirinho ali. De qualquer forma, eu sempre achei que tudo é aprendizado, não interessa se é um trabalho que você ganha muito ou que você ganha pouco, interessa que você está aprendendo alguma coisa. No fundo, eu acho que todos foram importantes. Aí eu fiz uma iniciação científica, que eu também considero um trabalho, então também entra aí para o meu rol de trabalhos durante a graduação. Isso tudo aconteceu até eu ter a bolsa do mestrado, que é um outro capítulo.

Revista Epígrafe: Você poderia falar para a gente como foi seu estágio no IEB?

Viviane Longo: Foi um estágio de dois anos, que é a duração padrão dos contratos de estágio. Na época eu fazia uma disciplina no IEB com o professor Alexandre Barbosa, de História Econômica, tinha um nome grande que eu não me lembro. Aí foi numa aula dele que ele anunciou que ia abrir vaga de estágio para o Arquivo e quem tivesse interesse poderia conversar com ele no fim da aula. Aí fui eu e mais duas meninas, a gente se interessou. E assim foi... A gente foi apresentado para a Elisabete Ribas, que na época era a coordenadora, e a gente entrou com um projeto específico de trabalhar com o arquivo do Caio Prado Júnior. Aí foi legal, porque, nessa altura, eu já tinha lido Caio Prado, aí você já começa a se situar um pouco. Então, foi uma experiência muito boa de entrar em contato mais direto com documentos pessoais e que eu nunca imaginava que eu teria a possibilidade de trabalhar. Na verdade, não era nem uma

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

possibilidade, assim, porque eu não sabia nem que existia, então foi uma grande surpresa poder trabalhar nesse arquivo e conhecer esse material de perto. Porque, até então, eu conhecia só o livro *Formação do Brasil Contemporâneo* e o *Evolução Política do Brasil*, que eu tinha lido na época. Então, foi bom por esse lado, também, meu lado intelectual, afinal eu já gostava de História do Brasil, sempre me interessei, por causa de outras matérias. Eu acho que foi uma fase bem importante por unir o útil ao agradável; o conhecimento técnico que eu comecei a ter ali, do que é um arquivo, de como se tratam os documentos, como você trabalha isso como dados, como Ciência da Informação, porque é isso: a Arquivologia é uma outra área, é uma parte aplicada das Ciências Humanas. Aprendi um mundo novo quando eu entrei nesse arquivo. A gente fazia, na época, também um grupo de estudos, que era uma forma de a gente se apropriar do conhecimento da obra daquele indivíduo, do titular do fundo do arquivo. E também como uma forma da gente qualificar nosso trabalho técnico, do banco de dados, colocar informação. Se você conhece mais a obra do autor, você consegue ter mais clareza sobre os documentos, você consegue fazer correlações: “Esse documento provavelmente tem a ver com esse livro, ou talvez ele tenha lido isso, e que faz pensar naquilo.”; você começa a criar conjecturas, o que eu acho importante do ponto de vista do desenvolvimento intelectual da pessoa que está lendo. E claro que a gente não coloca essas conjecturas, não é um dado que a gente coloca no banco de dados para ficar disponível para o público. A gente não faz inferências sobre os documentos. A gente nem pode fazer isso. A gente tenta colocar ele o mais cru possível, o que ele contém, o que está escrito e ponto final. Enfim, fora a relação pessoal toda que eu tive lá com a equipe dos funcionários. A gente cria amizade, cria uma rotina. Então tudo isso foi super importante para minha formação e, como eu disse, foi aí que despertou meu interesse pela área de patrimônio histórico, pela área da memória, pela área da preservação. Teve outros desdobramentos depois.

Revista Epígrafe: Você disse que seu interesse pelas questões relacionadas ao patrimônio, à Museologia, surgiu com o trabalho no IEB. Mas como foi para você sair da História e ir para o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP? O que aconteceu nesse processo?

Viviane Longo: Sim, teve um outro fator que entrou também nesse meu interesse por patrimônio e memória. Foi uma disciplina que eu fiz já no fim da graduação, já era segundo semestre de 2013. Eu fiz uma matéria sobre o Museu Paulista, quando ele ainda estava aberto. Foi bem legal, a gente tinha uma salinha, tinha uma van que levava a gente da Cidade Universitária para lá, era bem bacana. Eu fiz a matéria do Paulo Garcez, que foi meu orientador no mestrado. E, a partir dessa disciplina dele, eu comecei a perceber que a área de museus podia ser uma área de atuação mais pragmática. Embora eu goste muito de ler e escrever, como eu falei, eu acho que eu não sou acadêmica, eu não tenho esse perfil acadêmico de apenas ler e escrever, sabe? Eu gosto muito de ver as coisas acontecendo, eu gosto muito de produzir algo, de ver o resultado daquilo que eu estou produzindo. Então, eu escolhi não fazer o mestrado na História mais por causa disso, porque seria um mestrado muito teórico, e eu queria uma coisa mais pragmática. Como eu já tinha essa experiência em arquivo, já tinha esse interesse em museus (porque essa matéria do Paulo me despertou interesse), aí tinha outro campo; eu só conhecia arquivo, por que não museu? Por que não trabalhar com isso? E tem essa coisa nos museus que me interessa muito que é falar com o público, o que vem um pouco daquela minha ideia original de ser professora. Então, acho que, no fundo, esses trabalhos que eu fiz foram sobre como o conhecimento pode chegar nas pessoas e impactar a vida delas; sobre como, a partir do pensamento crítico, elas podem ressignificar coisas. O museu é um lugar excelente

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo para isso. É muito bom quando você consegue ir para o museu, olhar para o seu redor ali, o que está em exposição, e aquilo te faz pensar, aquilo te provoca por algum motivo, te tira do seu lugar comum. E eu acho isso muito potente como transformação pessoal e, no fim das contas, como transformação social, acho que começa aqui, pequena. Sabe quando você joga uma pedra no lago e, no começo, ela é só uma pedra e afunda, e depois ela vai abrindo? Acho que esse é o movimento que eu enxergo. Então, essa área de museus, eu vejo assim: ela permite uma atuação mais prática, ver resultados mais práticos em menor tempo. Foi por isso que eu escolhi mudar.

Revista Epígrafe: E, Viviane, como foi esse seu mestrado no MAE [Museu de Arqueologia e Etnologia da USP]? Qual foi o tema do seu mestrado e como foi essa experiência de fazer o mestrado lá?

Viviane Longo: Eu entrei lá em 2015. Como eu disse, eu tinha feito a matéria do Paulo Garcez sobre museus no Museu Paulista, no final da minha graduação. Naquele semestre, eu pensei: “Cara, acho que eu vou prestar Museologia.”. Na época, eu já sabia que tinha o curso. Uns amigos meus se interessavam e conversavam sobre isso e eu falei: “Não, eu vou tentar.”. E nesse mesmo segundo semestre de 2013, no feriado de 7 de setembro, eu fui para Belo Horizonte com minha irmã para passear. Lá, a gente visitou um museu que chama Memorial Minas Gerais Vale, que fica na Praça da Liberdade. Eu achei o museu muito legal, porque ele é um museu que tem bastante vídeo, tem bastante imagem, ele tem um percurso bem livre, você vai passando pelas salas, e o grande tema dele é o estado de Minas Gerais, mas não o estado totalmente... É uma narrativa sobre uma imagem de Minas Gerais. Então, eu fiz essa visita, achei muito legal e... Beleza, fim da história. Fui embora, mas eu fiquei com essa pulga atrás da orelha, eu falei: “Nossa, esse museu é legal demais, tem alguma coisa aí que eu

precisava entender melhor”. Eu achava que merecia uma atenção. E aí eu fui pesquisando um pouco por conta própria e fiquei: “Nossa, seria um tema legal de mestrado, seria um tema legal para estudar.”. E aí fui conversar com o Paulo. Fui lá bater na porta dele, porque eu já gostava dele, ele era da área de museus, e pedi para ele me orientar. Eu sempre fui meio cara de pau no sentido de “Beleza, ele podia dizer não, ok.”, e falei com ele: “Paulo, eu estou me formando agora e tenho muito interesse na área de Museologia, e eu andei pensando em um tema e queria saber se você tem interesse em me orientar.”. Eu falei para ele desse museu em BH e ele achou muito legal e me animou a fazer. Ele falou: “Só que você vai ter que estudar, vai ter que se preparar, você vai ter que fazer um projeto, vai ter que fazer um monte de coisa.”, porque o processo seletivo do MAE é um programa entre unidades; inclusive, o nome dele é Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. Então, eu fiquei só trabalhando, esse ano de 2014, de secretária e me preparando para o mestrado. Eu entrei em 2015, de fato. Ao decidir que eu ia fazer essa transição de área, embora sejam áreas afins, eu ainda não tinha lido nada, quase, de Museologia, então eu fui ler as coisas que estavam disponíveis nos editais anteriores, eu ia ter que ler muita coisa. Sabendo disso, eu comecei a estudar antes, com base nessas provas anteriores, eu achava que não ia mudar muito a bibliografia, essa coisa toda. E aí eu fui, eu mergulhei nisso. Eu também tive que dar conta dessa mudança, então eu estudei muito para essa prova e passei. Então eu diria que essa mudança foi bem difícil, porque eu não tinha muito repertório antes.

Revista Epígrafe: E como foi o mestrado em si, a pesquisa?

Viviane Longo: Eu escolhi esse tema, eu quis estudar esse museu lá em Minas e estudei, e foi muito legal. Aí eu passei na prova, mas eu não tive bolsa, a princípio, então

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

eu continuei trabalhando como secretária por um tempo, porque como era um curso novo, o da Museologia, abriu em 2012, ele ainda não tinha passado pela avaliação da CAPES. O que isso significa? Significa que a gente não tem bolsa, tinham duas pessoas, só, que tinham bolsa, que era para quem ficava em primeiro e segundo lugar na prova. Aí, meses depois, a secretária do curso falou: “Ah, se alguém tiver interesse em bolsa...”. Aí eu entrei com o pedido e ganhei a bolsa. Era uma bolsa temporária, em tese ela ia durar cinco meses, mas eu falei: “Cara, está ótimo, assim eu consigo parar de trabalhar e me dedicar só à pesquisa.”, que era o que eu queria. E com isso, eu tive a possibilidade de ir a Minas Gerais muitas vezes, o que foi super importante, porque meu tema, meu objeto de pesquisa estava lá, era o museu. Como é que eu ia estudar o museu sem ir, sem visitar, sem percorrer?

Nessa altura, eu já tinha entrado e já tinha conversado com o Paulo para fazer o recorte do meu trabalho. E eu escolhi estudar a narrativa desse museu, a forma como o tema escolhido está exposto. Então, como eu disse, é um museu sobre Minas Gerais, mas não é só isso. É, assim, um museu sobre a mineiridade, porque do mesmo jeito que a gente fala da brasilidade, também tem esse conceito de mineiridade que é mais estudado na área da Sociologia da Cultura. E aí eu tive que ler um monte de coisa que eu não tinha familiaridade para poder entender esse fenômeno. Então a minha pesquisa foi sobre isso, sobre entender esse percurso, por que ele foi feito, por que que é importante essa reafirmação da grandiosidade e do brilhantismo de Minas Gerais no aspecto da produção cultural. Aí é um aspecto bem aberto, porque você tem essa ideia de mineiridade, não é só aquela coisa clichê de falar que mineiro come queijo, toma café e tem sotaque, sabe? É uma coisa que se amplia muito mais. Esse museu fala um pouco disso, fala de autores da Literatura que são mineiros como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade... Enfim, são diferentes camadas de representação dessa mineiridade e que, de alguma forma, elas estão aí.

Mas aí entram as visões mais críticas: quem é que financia esse museu? É a Vale do Rio Doce, que se chama só Vale hoje. Então eu comecei a fazer essas perguntas: “O que é que interessa para a Vale em ter esse museu lá?”; “Por que que esse museu está nessa praça, que não é uma praça qualquer, é uma praça que um dia foi o Governo Geral do Estado?”. Isso também tem um significado. Aí eu fui pesquisar isso também, porque tudo isso tem algum sentido com a relação da narrativa que foi construída. A narrativa é meu ponto central, como eu disse, meu tema fica na narrativa, só que, para entendê-la, eu precisei ir ampliando as perguntas: “Ah, por que ela fica nesse lugar?”; “Por que que ela fica nesse prédio?”; “O que era esse prédio antes?”; “Quem é que financiou?”; “Quem é que bolou isso?”; “Quem concebeu esse museu?”. Então eu fui entrevistar as pessoas que conceberam esse museu. Fui falar com a Secretária de Cultura na época. E no museu tem essa ideia padrão que a gente ainda tem de Minas Gerais, então a crítica que eu fiz foi: “Onde está o resto de Minas Gerais?”. Por que alguns pontos específicos têm representação no museu, mas, por exemplo, o sul de Minas, não tem nada lá? O norte de Minas tem alguma coisa do Vale de Jequitinhonha, mas só, não tem uma reflexão sobre aquela região, o que ela tem de problemas... Aliás, nunca tem problema nenhum. Os museus, de modo geral, esses museus que são feitos para celebrar alguma coisa dificilmente vão trazer os problemas dessa coisa, os embates mesmo, as disputas, isso não aparece nesse museu...

E foi um trabalho enorme, no sentido de que ele me deu trabalho, teve muitas questões que eu acabei tendo que conectar, que eu não conseguiria pensar de imediato. Quando você vai e visita, você não pensa nisso. Foi bem intenso. Principalmente porque eu fiz entrevistas, eu conheci muita gente. Então, isso é muito legal, eu gostei muito de ter feito essa pesquisa por isso. Eu aprendi muito. E devo tudo ao Paulo, porque ele topou fazer isso e me orientar nesse trabalho e sempre me incentivou em

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

todas as coisas que eu achava relevantes de ir atrás, dados que eu precisava. Teve dados que eu não encontrei, aliás, essa é uma coisa importante de falar: tem dados que a gente não vai encontrar, tem dados que você poderia encontrar, mas por questões políticas, você não vai. E tem gente poderosa por trás, sabe? Então, até já pensei em continuar a pesquisa, acho que ela mereceria continuar, mas aí parei e fui fazer outras coisas na vida. Eu optei por dar uma pausa na minha vida acadêmica. Eu não fiz um doutorado ainda, talvez faça daqui um tempo, não sei.

Revista Epígrafe: Além do seu mestrado em museologia, você fez outra especialização?

Viviane Longo: Na época, eu fiz só o mestrado e, hoje, nesse ano de 2020, eu comecei um curso de especialização em Gestão Cultural no Senac. Tem mais a ver com essa área de trabalho mais pragmática que eu comecei a ter de 2016 para frente, e que começou o que eu chamei de outro capítulo da minha vida profissional. Porque, depois que eu terminei o mestrado, eu falei: “Não vou emendar com o doutorado.”; nem tenho um tema de doutorado, sabe? Quero dar uma parada. E aí, antes de fazer o doutorado, eu achei que valia a pena fazer um curso de especialização pensando nessa área mais pragmática da minha vida.

Revista Epígrafe: E como foram seus trabalhos como museóloga e pesquisadora?

Viviane Longo: O primeiro trabalho como museóloga mesmo foi em 2018, porque eu terminei o mestrado em 2017. Em 2018, eu fiz o meu registro como museóloga, porque a Museologia é regulamentada, então existe um conselho, e é nesse conselho que a gente se registra como profissional. Tem uma carteirinha e tudo. O primeiro

trabalho que eu fiz como museóloga foi nesse mesmo ano, no segundo semestre, para um museu-casa lá em Ribeirão Preto que se chama “Casa da Memória Italiana”, que é uma casa antiga de uma família. Eles estavam precisando de uma pessoa para fazer o plano museológico, que é um documento que todo museu, a rigor, deveria ter. É um documento de gestão, para reunir tudo o que tem no museu e como ele funciona. Claro que o museu tem diferentes áreas. Por menor que seja o museu, ele tem diferentes áreas. Então esse documento serve um pouco para reunir essas áreas todas e para delimitar quais as ações do museu, qual a missão do museu, o que ele tem de valores, para quem ele existe, quem criou ele, para onde ele quer ir. É um documento que só pode ser feito, assinado e ter validade oficial a partir da participação de um museólogo na sua elaboração. Então eu tive essa participação lá em Ribeirão e esse foi o primeiro trabalho que eu fiz nessa área.

Aí, no ano seguinte, que foi o ano passado, 2019, eu trabalhei como assistente de curadoria para a produção de uma exposição que se chama “Pioneiros e Empreendedores”, que é uma exposição que já acontece há mais de dez anos, cada vez em uma cidade. E esse ano de 2019, aconteceu em São Paulo. É uma exposição baseada nos livros de um professor da USP que se chama Jacques Marcovitch. Ele fez uma pesquisa bem grande sobre a trajetória de vinte e quatro pioneiros, empreendedores. São pessoas relacionadas à área empresarial no Brasil. Tiveram trabalho de peso, assim, um trabalho que deixou um legado por muito tempo. Depois que ele fez o livro, veio essa ideia da exposição. E aí, quem faz a produção da exposição de fato não é o professor, mas sim uma empresa, que é a Expomus, uma empresa grande aqui em São Paulo, referência para a gente da área da Museologia.

E, hoje em dia, 2020, eu estou participando de alguns outros projetos também relacionados a planos museológicos. Então, eu estou junto com uma museóloga do Rio de Janeiro que se chama Mariana Várzea, e mais uma equipe que a gente montou.

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

A gente está fazendo a revisão do plano museológico do Museu do Futebol, aqui em São Paulo. E o plano é uma coisa que é feita para ser revisada mesmo, ele tem esse caráter de ser atualizável; é bom que ele seja, na verdade. Então, a cada cinco anos existe isso, os museus têm essa rotina de a cada cinco anos atualizar. E o Museu do Futebol chegou nesse momento de atualização. Então, a Mariana me chamou para esse projeto e eu estou trabalhando nisso com ela. Também estou fazendo, junto com a professora Maria Cristina Bruno, a revisão do plano do Museu do Café, em Santos. E também nessa mesma pegada, um museu que já existe, que já tinha um plano, e agora a gente está só atualizando mesmo.

Então é isso, a minha experiência mesmo como museóloga é bem recente, é de dois anos, só, e muito voltada para essa área da gestão, da produção desse documento, o plano museológico. Porque, para produzir esse documento, você precisa ler muito, você precisa ler, conhecer a instituição. Então a gente lê os documentos que a instituição já tem sobre o seu funcionamento, e qual é o tipo de gestão - porque tem museus que são privados, tem museus que são públicos. Então, são modalidades de gestão, que têm suas características, os seus impactos, os prós e os contras. Então, eu acabo aprendendo muito nisso também, de ver a diversidade que existe, não só a diversidade temática, mas também essa diversidade de gestão.

Eu tenho uma empresa, eu tive que abrir uma empresa em 2016 para prestar serviço. Na época, eu prestei serviço para a Expomus, que está à frente da implantação do Museu Judaico [Museu Judaico de São Paulo] aqui em São Paulo, e parte desse projeto era a organização do arquivo. Aí, eu fui contratada como documentalista, para trabalhar no arquivo, não no museu propriamente. Desde então, em todos os projetos que eu participo - remunerados, né? -, os contratos são feitos através da minha empresa. Ninguém me contrata como pessoa física, porque isso é muito caro para os projetos. A gente está vivendo a precarização do trabalho, no sentido de que eu não

tenho direitos trabalhistas, né? Eu presto esses serviços todos, eu não tenho férias, não tenho direito de reclamar nada [risos]. Então, esse é um aspecto que eu acho interessante de falar para as pessoas que venham a se formar. Não sei como vai ser daqui para a frente, mas até hoje em dia, e com o contato que eu tenho com outros colegas que têm uma trajetória parecida com a minha, todo mundo teve que abrir empresa. E a gente tem que abrir empresa para prestar serviço e acaba tendo que abrir mão de algumas coisas e tendo que se virar bastante para entender o que é uma empresa. Tem que pagar taxa de não sei o quê, tem que fazer imposto de renda, que é toda uma dinâmica que a gente não está acostumado, que ninguém te ensina, sabe? A gente vai aprendendo meio na raça, quebrando a cara. Não era algo que eu esperava nessa minha trajetória toda, que eu estou contando para vocês, nunca foi muito um plano ter uma empresa e prestar serviços com ela. Mas é assim que tem sido nos últimos quatro anos, então, até por isso que eu escolhi fazer essa especialização em Gestão Cultural, para qualificar mais o meu trabalho, e, quem sabe, continuar, de uma forma cada vez mais autônoma, a prestar serviços, propor projetos, administrar projetos... Então, é nessa linha que tem acontecido.

Revista Epígrafe: Você acha que a sua formação como historiadora te ajudou a trabalhar nessa área?

Viviane Longo: Eu diria que sim, porque tudo é um encadeamento. Se eu não tivesse feito História, eu não teria feito a matéria do professor Alexandre, então, eu não teria ido fazer o estágio no arquivo, eu não teria conhecido a área de patrimônio, eu não teria me interessado pela matéria do Paulo, eu não teria ido para a Museologia, eu não teria aberto a minha empresa, eu não estaria onde eu estou hoje. Então, tudo é um encadeamento. E, do ponto de vista do que eu mais aprendi no curso da História,

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo

da graduação, que foi esse pensamento crítico que eu tanto queria, isso permanece. Isso não é uma coisa que eu consigo precificar nos projetos que eu participo. Não é uma coisa que está lá no meu contrato, mas faz parte da minha forma de pensar sobre as coisas. Então, hoje o trabalho que eu faço, os projetos, é uma coisa bem mais técnica, assim, não é tanto teórica, é mais técnica. Mas eu acho que mesmo em um trabalho técnico, a gente tem que ser crítico, a gente tem que pensar sobre as possibilidades: “Ah, será que não seria melhor fazer de tal jeito, será que não seria melhor procurar outro caminho?”... Eu acho que o curso da graduação me ajuda muito nisso, na minha forma de pensar sobre o mundo, e isso não mudou. O meu interesse ainda em querer que os meus trabalhos sejam úteis para o mundo, isso permanece, sabe? Isso, na verdade, é o que me motiva. Eu não vejo o menor sentido em fazer um trabalho que só vai servir para mim e para quem participou dele, se ele não puder ser público, se ele não puder ser acessível, se ele não puder, em alguma medida, transformar a vida das pessoas para melhor. Essa é uma premissa que eu tenho e eu não abro mão dela de jeito nenhum. E, às vezes, pode até ser que não seja tão explícito, pode até ser que nos projetos que eu participo, isso fique um pouco em segundo plano, isso fique camuflado. Mas eu sinto, ainda, que eu estou numa caminhada. Eu sinto que estou ainda agregando conhecimentos e repertório para talvez um dia fazer um trabalho que eu consiga, realmente, ver essa transformação social, sabe? Se eu faço um plano museológico bem feito para o Museu do Futebol, embora eu não seja funcionária do museu, isso vai ajudar a instituição a se fortalecer. E se eles se fortalecem, eles conseguem prestar um serviço bom. Claro que não depende de mim, óbvio. O meu trabalho é só uma partezinha, uma pecinha lá do quebra-cabeça. Eles têm um milhão de outras coisas que eles fazem, e super qualificados. Então, acredito muito nessa lógica do trabalho conjunto. Eu acho que só funciona assim, que as coisas só se tornam relevantes mesmo quando elas são compartilhadas e quando elas são feitas

por muitas mãos. Então, essa é uma das coisas que mais aprendo nesses projetos, que é uma coisa que eu não tinha propriamente na graduação. Porque é um trabalho, no geral, muito solitário, mesmo que a gente tivesse trabalho em grupo, seminário, aquelas coisas que todo mundo detesta, né? [risos].

Revista Epígrafe: Viviane, pensando nessa característica que você falou do trabalho em grupo, quais competências você acha essenciais para trabalhar nessa área?

Viviane Longo: Eu acho que a primeira delas é humildade. Não sei se humildade é uma competência, mas eu acho que é uma qualidade, sabe? A gente não sabe tudo, e que bom que a gente não sabe tudo. Acho que ter essa abertura para entender, ouvir, saber ouvir o que as pessoas têm a dizer, isso ajuda muito a você chegar em um consenso, em uma conclusão, na tomada de decisão. Então, é importante ouvir o que as pessoas têm a dizer. Nesse sentido, eu diria que a humildade é uma delas. Ao mesmo tempo, a gente também tem coisas importantes a dizer, né? Claro, a gente tem que sempre refletir antes de falar, mas também não se menosprezar. Eu acho que você tem repertório, você tem uma história, você tem as suas experiências e você tem um cérebro pensante, então, você também tem coisas a dizer e a contribuir. Tem a ver muito com autoestima. Também não sei se isso é uma competência, eu acho que é um valor. Uma outra coisa que tem que ter para esse trabalho em equipe é comprometimento, porque as coisas também só saem do lugar quando as pessoas, de fato, fazem. Então, não ter preguiça, sabe? “Ah, tem que ler o documento de cem páginas?” É, tem, e vai ler. Leia! E anote, e pense sobre ele. “Ah, mas tem que isso?” Tem, sabe? “Tem que chegar em tal hora, em tal lugar?” Tem, chegue! Sabe, isso é importante, o comprometimento. Porque, em alguma medida, as pessoas esperam que você esteja e faça, assim como a gente espera que as pessoas estejam e façam. Não só porque

Os museus como meio de questionar e transformar o mundo
você assinou um contrato que diz que você ia fazer, mas também para o trabalho acontecer de verdade.

Uma coisa que é fundamental é ser curioso. A gente precisa se interessar pelas coisas. Se você não se interessa, não é que você está errado, você só não achou exatamente a área que você tem afinidade. Também não precisa se martirizar por causa disso. E a gente só vai descobrir com o tempo mesmo. Então, ser curioso eu acho que significa você ir atrás da informação, você se interessar, fazer perguntas. Sempre faça perguntas. Isso é uma coisa que a graduação me ensinou, que eu não falei. Acho que para a gente entender o mundo, entender as pessoas, os fenômenos sociais, museológicos, econômicos, tudo, a gente tem que sempre fazer uma pergunta muito simples, que é “Por quê?”. Eu acho que se a gente faz essa pergunta, a gente ativa uma outra parte do nosso cérebro. A gente começa a tentar entender as coisas. Não apenas julgar as coisas, mas tentar entender. Então, eu acho que esse é um aspecto fundamental também, de ter isso constantemente.

Revista Epígrafe: Então, para terminar, a gente gostaria de perguntar quais dicas você daria para um estudante interessado em trabalhar nessa área.

Viviane Longo: Ir atrás de se informar mais sobre a área. Porque, realmente, no nosso curso, na nossa grade não tem exatamente matérias específicas sobre... Tem, mas elas, até onde eu sei, elas não encaminham muito a gente para a questão profissional de arquivos e museus. Então, eu diria que a pessoa pode ir lendo. Hoje em dia tem muito conteúdo na internet, de webinários e vídeos no YouTube. Procurar sempre conversar com as pessoas que já são da área ou que têm alguma afinidade com a área, algum conhecimento. Também procurar fontes de confiança. A gente sabe que algumas instituições grandes podem ser consideradas de confiança. Então, pegar

grandes museus e ver o que que eles têm de conteúdo. Eu daria essa dica inicial, de procurar esses conteúdos. Entra no site, sabe? É que hoje a gente não está podendo fazer nada presencialmente, mas quando puder, visita esses lugares, sabe? Tenta marcar, agendar uma visita técnica. Normalmente, as instituições são bem abertas para isso. E é importante a gente estar lá para ver como é. Mas acho que isso é legal, assim, a pessoa ficar atenta e ir atrás. Grupos de estudo, acho que isso é fundamental. Eu não mencionei isso, mas eu participava de um quando fui fazer o mestrado. Na graduação também, eu tinha um com os amigos. Então, trocar ideias é sempre importante. Eu acho que essa é uma dica bem legal que funciona sempre. Até porque tem a ver, inclusive, com a questão anterior, do trabalho em equipe, sabe? Se você participa de grupos de estudo, se você faz coisas coletivas, fica um pouco mais fácil depois, quando você vai ter que fazer um trabalho em grupo. Então, é isso, conversar com pessoas da área, se atualizar, procurar informações e fazer grupos de estudo.